

# O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ACIMA DO CERTO E DO ERRADO, O USO ADEQUADO

FOGLIATTO, Naira Zimmermann Neves<sup>2</sup>; LABANDEIRA, Déborah M; LIMA Cléia Fátima de<sup>2</sup>; LINCK, Ieda Márcia Donati Linck<sup>1</sup>; NEVES, Maria Elena da da Silva<sup>1</sup>; NONENMACHER, Dalila Batista<sup>1</sup>; PAQUERA, Marisa Conrado<sup>2</sup>; RIBEIRO, Thieli, Hinning<sup>2</sup>; SILVEIRA, Nádia Núbia Copatti; SOUZA<sup>2</sup>, Regina da Graça Silva de<sup>2</sup>; SILVA Márcia Lima da <sup>2</sup>; ZAMBERLAN, Eliane Luiza de Moura<sup>1</sup>

Neste texto apresentamos os resultados obtidos de um trabalho desenvolvido de forma interdisciplinar, no Curso de Letras da Universidade de Cruz Alta, Programa Parfor. Temos como base uma pesquisa feita nas escolas, em relação a metodologia utilizada no ensino de Língua Portuguesa, como suporte a uma prática que está por vir. Nosso suporte teórico sustenta-se em diversos autores, dentre os quais vale destacar: Althusser, Antunes, Bagno, Fiorin, Freire, Geraldi, Magda Soares, Mattoso, Orlandi, Tofani, Travaglia. Os objetivos deste texto são, então: apresentar os resultados obtidos na pesquisa, refletir sobre o ensino de Língua portuguesa, analisar de forma ética e responsável a metodologia utilizada na prática cotidiana, repensar qual a língua a ser ensinada, apresentar formas dinamizadas de ensinar língua portuguesa. Sua relevância está em nos colocar numa posição crítica sustentada em relação ao que não pode mais ocorrer no ensino de língua materna. Após muitas leituras, percebemos que há muitas discussões teóricas de como o ensino deveria ser, do que é importante ensinar, como se aprende, quais as mudanças que devem ocorrer, no entanto, pela observação feita in loco, de forma geral, as práticas tradicionais de ensino vêm se repetindo. Registra-

mos, aqui, que antes de irmos a campo, buscamos uma fundamentação teórica que nos respaldasse a discutir essa temática, ou seja, nos sentimos autorizadas a analisar a discrepância entre como realmente ocorre e como deveria ocorrer o ensino de língua portuguesa. Vale ressaltar que não estamos avaliando o sujeito professor, mas a prática de ensino de língua nas escolas visitadas. Os resultados foram preocupantes, uma vez que todos os espaços analisados ainda evidenciam a língua padrão como única; a língua enquanto constitutiva do sujeito é desconsiderada; os alunos apresentam dificuldades na leitura e escrita, uma vez que essa prática é quase que inexistente; a gramática ensinada é a normativa, em frases isoladas, o que não contribui para o uso da mesma em situações reais; o texto ainda é usado como base ao ensino da gramática, do qual são retirados fragmentos para a análise morfosintática, contrariando as perspectivas de Geraldi, no livro “O Texto em sala de Aula”, editado pela primeira vez em 1984, um dos que serviram de base teórica para elaboração deste trabalho. Enfim, uma coisa é certa: o ensino de língua portuguesa deve ser repensado, com urgência, iniciado pela pergunta: que língua ensinar? Por que ensinar a língua materna aos que a dominam no

processo comunicativo? É preciso pensar questões pontuais, dentre elas o fato de que a criança, ao chegar à escola, já domina uma língua e que a escola vai oferecer mais uma modalidade, e não a única a ser considerada. Ensinar língua portuguesa é refletir sobre o seu uso adequado e não mais mapeando apenas a relação entre o

certo e o errado. Infelizmente, assim como está, a escola continuará sendo um dos aparelhos ideológicos do Estado, como entende Althusser.